



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA: Indisciplina e Formação de Professores

GARCIA, Joe – UTP
joe@sul.com.br

Eixo Temático: Violências na Escola
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo teórico situado no campo dos estudos sobre indisciplina escolar. Aqui exploramos algumas implicações de um conjunto de levantamentos internacionais recentemente desenvolvidos pela OECD, que apresentam dados sobre o clima disciplinar de sala de aula nas escolas brasileiras, para pensar questões sobre a formação continuada de professores. Argumentamos que análise dos eventos de indisciplina, atualmente observados em escolas de diversos países, apresentam diversos elementos fundamentais para se repensar a formação continuada de professores. No texto do trabalho, inicialmente exploramos o conceito de indisciplina escolar, com base em uma perspectiva teórica apresentada por Estrela (1994). Na segunda parte deste trabalho, analisamos um conjunto de dados fornecidos por levantamentos englobados no PISA e mais recentemente pela pesquisa TALIS, todos realizados pela OECD ao longo da última década. Aqui consideramos algumas implicações desses dados em relação a formação continuada de professores. Em destaque, consideramos um conjunto de elementos derivados de um estudo apresentado por Santo (2009), dedicado a formação de professores para atuar de um modo preventivo em contextos de indisciplina em sala de aula. Na última parte do trabalho apresentamos algumas considerações relacionada a necessidade de transformar as lógicas e processos de formação que tem sido comumente utilizados em escolas e sistemas de ensino. Argumentamos que os professores precisam desenvolver não somente determinadas habilidades para lidar com os eventos de indisciplina em sala de aula, mas rever suas próprias atitudes e crenças em relação a tais questões. A persistente incidência de eventos de indisciplina em sala de aula estaria revelando não somente a fragilidade dos saberes e habilidades docentes, mas dos próprios modelos de formação a que estes têm sido submetidos.

Palavras-Chave: Educação. Indisciplina Escolar. Formação Continuada de Professores.

Introdução

Há algumas décadas as preocupações com os eventos de indisciplina transbordaram das escolas e passaram a solicitar a atenção dos pesquisadores do campo educacional. Isso

parece estar refletido, por exemplo, em um conjunto de pesquisas comparativas, internacionais, recentemente empreendidas.

Em junho de 2009 uma pesquisa divulgada pela Organisation for Economic Co-Operation and Development (OECD) trouxe para o debate internacional diversas questões que articulam ensino e ambiente de sala de aula. A pesquisa, intitulada TALIS (Teaching and Learning International Survey), apresenta um conjunto de dados que destacam uma das questões mais caras aos professores da educação básica, os problemas de disciplina em sala de aula.

A literatura educacional sugere que os professores convivem há vários séculos com diferentes expressões de indisciplina nas escolas (GILES, 1987). Nas últimas décadas, entretanto, o encontro com a indisciplina em sala de aula parece estar se tornando uma experiência intrínseca as práticas de ensino, a julgar pelo tempo expressivo que dedicam os professores, em diversos países, a lidar com os problemas de disciplina em sala de aula (OECD, 2009).

Os avanços observados nas expressões de indisciplina nas escolas, em diferentes países (GORDON, 1999; ESTRELA, 1994), tem se refletido na busca de novas formas de compreensão dessa questão, bem como de novas diretrizes para a formação de professores. As expressões de indisciplina estão se transformando nas escola e promovendo diferentes transformações nas práticas pedagógicas (AMADO, 2001; ENNIS, 1996). Mas os eventos de indisciplina também podem nos sugerir a necessidade de se repensar a formação continuada de professores. Neste trabalho exploramos essa discussão, tendo por referência um conjunto de análises baseadas em um conjunto de dados derivados de levantamentos internacionais.

A seguir, o texto inicia apresentando uma leitura teórica sobre o conceito de indisciplina escolar, com base em uma perspectiva apresentada por Estrela (1994). Em seguida analisamos algumas questões sobre indisciplina e formação de professores, com base em dados fornecidos em um conjunto de levantamentos realizados pela OECD. Ao final, apresentamos algumas considerações quanto a alguns avanços necessários em relação a formação continuada dos professores, tendo em mente o cenário de indisciplina nas escolas.

2 Indisciplina na Escola

Neste trabalho o conceito de indisciplina escolar está no centro das discussões teóricas. Mas não é uma tarefa simples dar conta de explicar esse conceito. Este é um conceito

plural, que tem sido apresentado sob uma diversidade expressiva de significados na literatura educacional. Neste trabalho, entretanto, não desejamos explorar os diversos sentidos atribuídos a noção de indisciplina no campo educacional. Aqui, nos concentramos em uma leitura conceitual proposta por Estrela (1994), que desdobramos para atender ao desenvolvimento teórico aqui desejado.

Estrela (1994) refere-se aos atos de indisciplina segundo três funções gerais. De um lado tem-se a indisciplina como uma forma do aluno livrar-se da influência da escola. Mas a indisciplina também pode ser um modo de obstrução que visa impedir total ou parcialmente o desenvolvimento normal das aulas. Finalmente, as expressões de indisciplina poderiam atender a função de contestar o modo suposto de desenvolvimento das atividades e trabalhos na escolares.

De um modo mais amplo, Estrela (1994) caracteriza a indisciplina como um elemento de desorganização das relações pedagógicas. Esse processo de desorganização ocorreria através da ruptura das regras que organizam o processo pedagógico e tornam possível as aprendizagens coletivas. O modo como tais regras são constituídas na escola guarda relação com a forma como as relações pedagógicas são construídas. Assim, a tentativa dos professores de impor aos alunos, regras que fluem apenas de decisões subjetivas, com base apenas em sua autoridade em sala de aula, por exemplo, pode tornar-se uma fonte de indisciplina, exatamente devido a ausência da legitimidade necessária aquelas regras.

Deve ser destacado, na situação acima, um modo de entendimento e prática do papel de professor, bem como um entendimento do que seja autoridade e disciplina. Assim, em alguns casos, os avanços necessários no cenário de indisciplina em sala de aula precisa considerar algumas transformações nas atitudes e crenças dos professores. Este é um aspecto, portanto, que diz respeito a articulação entre indisciplina e formação de professores.

A literatura educacional apresenta ainda outras perspectivas sobre o conceito de indisciplina escolar. O aumento observado na produção científica sobre esse tema revela um horizonte composto de diversas visões teóricas (GARCIA, 2007). Aqui, destacamos o entendimento que indisciplina seria algo socialmente construído nas escolas, e portanto poderia ser algo transformado pelos sujeitos ali envolvidos.

Esta perspectiva envolve a compreensão da indisciplina como algo intrinsecamente relacionado a natureza e função social da escola, e aos processos de transformação histórico e cultural que ela vem apresentando sobretudo nas últimas décadas. Além disso, a indisciplina

seria uma resposta as formas de organização e gestão dos processos pedagógicos na escola. Nesse sentido, pensar e interagir com as situações de indisciplina iria solicitar outras direções na formação dos professores.

3 Articulando Indisciplina e Formação de Professores

O campo de estudos sobre formação de professores hoje representa uma das fronteiras mais importantes a refletir o avanço do debate e pesquisa educacional. Ali encontramos ecos de preocupações-chaves de políticas públicas de educação, bem como originadas no ambiente escolar. Será, portanto, nesse amplo contexto de discussões que desejamos considerar a necessária articulação entre indisciplina escolar e formação de professores.

Os eventos de indisciplina nas escolas têm sido relacionadas a expectativas quanto a formação dos professores na literatura educacional (AMADO, 2001; D'ANTOLA, 1989; ESTRELA, 1992; VASCONCELLOS, 1995). Em particular, isso tem se refletido em expectativas quanto ao desenvolvimento de saberes conceituais e procedimentais que lhes confirmem maior competência para instituir um melhor clima disciplinar em sala de aula. Os cenários de indisciplina nas escolas estariam projetando não somente novas expectativas quanto à formação desejada dos professores, mas expectativas distintas quanto ao conteúdo e a própria natureza dessa formação.

Alguns levantamentos internacionais recentes, que retratam as condições de ensino em escolas, em diferentes países, revelam que os problemas de indisciplina não estariam limitados a grupos específicos de nações, mas seriam um aspecto comum, embora em diferentes graus, a todas elas. Alguma medida de indisciplina em sala de aula estaria presente mesmo naquelas nações com sistemas de ensino considerados mais desenvolvidos.

As referências de pesquisa que desejamos considerar neste artigo estão particularmente baseadas em um conjunto de levantamentos realizados, na última década, pela **Organisation for Economic Co-Operation and Development**, tais como o PISA (OECD, 2003, 2004, 2006), e mais recentemente pelo TALIS (OECD, 2009). A partir da análise de alguns dados fornecidos por esses levantamentos, desejamos neste trabalho explorar algumas implicações para repensar a formação continuada de professores, tendo em vista seus encontros com as expressões de indisciplina em sala de aula.

Os levantamentos relativos ao PISA, em suas últimas três edições (2000, 2003 e 2006), não tiveram por foco específico as questões sobre indisciplina nas escolas. Entretanto,

tais levantamentos levantaram dados sobre variáveis relacionada ao clima disciplinar em sala de aula, que incluem informações sobre a frequência de interrupções e desperdício de tempo nas aulas, por exemplo. Será com base em tais dados que aqui poderemos analisar algumas questões sobre indisciplina escolar, nos países que participaram daquela pesquisas, com destaque ao caso brasileiro.

Alguns dados do PISA relativo a 2000 (OECD, 2001) sugerem uma correlação positiva entre o clima disciplinar em sala de aula, relação professor-aluno, senso de pertença e o desempenho dos estudantes. Um dos dados a desatacar, para o Brasil, refere-se ao clima disciplinar de sala de aula e a relação professor-aluno. De um modo geral, os resultados do PISA 2000 sugerem que o desempenho dos estudantes é superior em escolas com um clima disciplinar positivo e uma boa relação professor-aluno (OECD, 2004a, p. 208). Neste levantamento (OECD, 2001, p. 78), o Brasil obteve um dos índices mais baixos de **clima disciplinar de sala de aula**, ficando a frente apenas do Chile. Em complemento, obteve um dos maiores índices na variável **relação professor-aluno**. Tais dados parecem sugerir que embora os professores brasileiros apresentem significativa competência para a relação com os alunos, apresentam dificuldades para conseguir disciplina em sala de aula. Conforme argumentamos mais adiante, este cenário nos parece sugerir a necessidade de avançar a formação dos professores, particularmente em relação a questão da gestão da disciplina em sala de aula.

O levantamento realizado em 2003 (OECD, 2004b), por seu turno, mostrou uma expressiva presença de distúrbios disciplinares nas aulas de Matemática, nos diversos países investigados. Os diretores, da maior parte dos países que participaram do levantamento, apontaram que os comportamentos de indisciplina seriam o segundo fator mais importante a representar obstáculo a aprendizagem dos estudantes. Em primeiro lugar estaria o absentismo dos alunos. Quando questionados sobre esse tema, os estudantes revelaram que o **barulho e a desordem** seriam os principais problemas de indisciplina nas aulas de Matemática. Cerca de 36% dos estudantes pesquisados relataram que tais problemas ocorrem em cada aula ou ao menos na maior parte delas (OECD, 2004b, p. 24).

Deve-se destacar que, segundo os dados do PISA 2003, obtidos junto aos estudantes, o clima de indisciplina nas aulas de matemática, no Brasil, revelou-se o pior dentre todos os 41 países considerados no levantamento do PISA (OECD, 2004b, p. 25). Finalmente, o levantamento de 2006 (OECD, 2007), embora não tenha destacado dados sobre o clima

disciplinar das escolas, revelou o alto grau de autonomia que as escolas brasileiras possuem para determinar suas políticas de disciplina.

Mais recentemente a OECD realizou e publicou um novo levantamento, denominado TALIS (Teaching and Learning International Survey). Essa pesquisa constitui uma primeira iniciativa de pesquisa internacional, comparativa, desenvolvida por amostragem, que examina o ambiente de ensino e aprendizagem em sala de aula nas escolas. A edição relativa a 2009 foi realizada com a participação de 24 países, incluindo o Brasil. Segundo os dados derivados deste levantamento, os problemas de indisciplina escolar destacam-se como o principal fator que estaria afetando o ambiente de ensino-aprendizagem em sala de aula (OECD, 2009).

Há diversos dados interessantes a considerar no TALIS. Esse levantamento aponta, por exemplo, que uma expressiva quantidade de tempo seria utilizado pelos professores para lidar com questões de indisciplina em sala de aula. Os países onde mais tempo das aulas seria desperdiçado em função de problemas de disciplina seriam os seguinte: México (13,3%), Malásia (17,1%) e Brasil (17,8%) (OECD, 2009, p. 105).

Também segundo aquele levantamento, um em cada quatro professores, da maioria dos países investigados, perderia ao menos 30% do tempo que deveria ser dedicado as aulas, devido a problemas de indisciplina dos alunos ou de tarefas administrativas (OECD, 2009, p. 122). No caso brasileiro, essa perda foi estimada em 30,8%, o que significa que apenas 69,2% do tempo das aulas seriam efetivamente utilizadas para o processo de ensino-aprendizagem. Esse alto desperdício de tempo nas aulas nas escolas brasileiras seria sobretudo devido a ruído em sala de aula (p. 105).

Os dados do TALIS indicam que os países que reportam um melhor ambiente de ensino-aprendizagem teriam uma menor incidência de indisciplina em sala de aula. Os dados relativos a esses países sugerem que nas salas de aula haveria um melhor aproveitamento do tempo, menos distúrbios disciplinares, um melhor ambiente de aprendizagem, e uma melhor relação entre professores e alunos (OECD, 2009). Uma das razões seria que o grau de autonomia exercido por aquelas escolas, inclusive em relação a determinar suas políticas de disciplina, mas destaca-se sobretudo a importância das escolas apresentarem um projeto educacional muito claro, e compartilhado. Em tais escolas, onde observa-se uma baixa incidência de eventos de indisciplina, haveria uma maior clareza em relação ao sujeito que se quer formar, e qual o trabalho necessário a ser feito tendo em vista tal meta.

Os dados do TALIS relativos ao tempo que os professores brasileiros dedicam a manter a disciplina ou para a organização burocrática da sala de aula parecem refletir não somente a incidência de problemas em sala de aula, mas a falta de uma devida preparação dos professores para lidar com esse tipo de circunstância em sala de aula. Os dados também apontam que as principais estratégias de formação em serviço utilizadas pelos professores seriam aquelas nem tanto efetivas para produzir as transformações necessárias em sala de aula.

O tempo anual dedicado a atividades de formação, entre os professores brasileiros, embora expressivo, precisa ser questionado, mas em relação a sua utilização. Em particular, parece necessário repensar nem tanto a quantidade de tempo destinado a formação, mas o tipo de formação a que os professores têm sido submetidos. Assim, embora o nível de participação dos professores brasileiros, e o tempo anual dedicado a atividades formativas, atinja um nível satisfatório, quando comparado ao mesmo tempo empregado em países mais desenvolvidos, e com menos problemas de indisciplina, observa-se um baixo impacto dessas atividades de formação profissional empreendidas pelos professores, sobre o ambiente de aprendizagem em sala de aula. Em particular, seria interessante analisar a quais estratégias de formação os professores tem sido submetidos, e o conteúdo envolvidos desses processos.

Embora os dados afirmem que uma porcentagem alta de professores (83%) tenham afirmado sua participação em alguma atividade de desenvolvimento profissional, em um período de até 18 meses anteriores a pesquisa, é necessário aprofundar a análise da qualidade, finalidade e impacto das estratégias formativas empregadas. Segundo o relatório da pesquisa TALIS, o tempo de formação não estaria relacionado a uma melhor qualidade do ambiente de ensino-aprendizagem em sala de aula, em países tais como o Brasil.

Um dado fornecido pelo TALIS revela que, entre professores brasileiros, a atividade mais empregada para seu desenvolvimento profissional, tendo em vista melhorar suas práticas de ensino, seria o diálogo informal entre pares (OECD, 2009a). A pesquisa afirma que 94,2% dos professores entrevistados recorrem a essa alternativa. Em segundo plano, os professores recorrem a leitura de literatura profissional (82,5 %), e a participação em cursos e oficinas (80,3%).

Um outro aspecto a considerar está relacionado a capacidade dos processos formativos modificarem algumas crenças dos professores relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem e as próprias questões sobre indisciplina na escola. Aqui residiria uma questão

fundamental a ser endereçada pelos processos formativos, pois há uma forte relação entre determinadas crenças progressistas sobre o papel do professor, e sobre a relação professor-aluno, por exemplo, e uma menor incidência de eventos de indisciplina em sala de aula, em diversos países.

Tendo em consideração o cenário implicado pelos dados anteriormente analisados, argumentamos quanto a necessidade de avançarmos as atividades de formação continuada, considerando outras possíveis estratégias de formação que possam ser desenvolvidas tendo em vista particularmente as questões de indisciplina nas escolas. Mas, em que direção avançar?

Uma alternativa interessante foi proposta por Estrela (1992), com base em uma análise sobre as relações entre indisciplina escolar e o desenvolvimento dos professores, quando sugere que seria necessário considerar particularmente os princípios de uma **lógica da prevenção** (p. 99-100). Essa perspectiva parece ter sido aprofundada em um estudo realizado por Santo (2009), que analisamos a seguir.

Um estudo desenvolvido por Santo (2009) destacou a importância da formação de professores para a prevenção da indisciplina, tendo por foco uma intervenção de caráter formativo em sala de aula. Segundo aquele autor, a formação é capaz de fazer a diferença no modo como os professores lidam com a indisciplina em sala de aula, mas não qualquer tipo de formação. Aquele autor descreve um processo de formação que destaca a necessidade de transformar não somente o que se poderia chamar de conhecimento conceitual dos professores, mas sobretudo o conhecimento procedimental e condicional (SANTO, 2009, p. 89).

O processo de formação investigado por Santo (2009), indica a ocorrência de três mudanças nos professores envolvidos. Uma delas relativa a "aquisição de conhecimento profissional utilizável" em sala de aula. A formação também envolveu uma mudança de atitudes em relação as questões de (in)disciplina. Finalmente, teria ocorrido uma mudança no modo dos professores encararem seu papel na regulação da disciplina, bem como no papel dos próprios alunos nessa tarefa (p. 94).

Santo (2009, p. 95), de um modo convergente com a literatura educacional pertinente, sugere que os processos formativos proveitosos exigem tempo e suporte. O fator **tempo** deve ser destacado como fundamental para a aquisição dos saberes necessários aos professores. É a formação continuada de mais longo termo que possibilitaria uma melhor apropriação dos

recursos pedagógicos necessários aos professores para seu trabalho em relação a indisciplina em sala de aula. Quanto ao **suporte**, este pode envolver produtivamente alguma forma de supervisão colaborativa para a reflexão e problematização dos eventos de indisciplina em contextos clínicos.

Tendo em vista a perspectiva acima, faz mais sentido uma formação reflexiva, voltada a resolução de problemas em sala de aula, mas para a qual os professores precisam antes tornar-se cientes de suas próprias crenças sobre a questão de indisciplina. Esse tipo de formação, entretanto, requer a inclusão de experiências e processos raramente presentes na formação baseada em conhecimento conceitual, usualmente explorada em iniciativas de formação continuada encontradas em escolas e sistemas de ensino.

As considerações acima sugerem a necessidade de repensarmos de um modo bastante amplo a questão da formação de professores. Isso decorre não somente da intensidade como as questões de indisciplina estão afetando a condições de sala de aula e o processo de ensino-aprendizagem, particularmente no caso brasileiro, mas também tendo em vista considerar a necessidade de se investir em alternativas de formação continuada, distintas daquelas usualmente praticadas nas escolas. Esta é uma tarefa urgente e não podemos adiá-la por muito mais tempo.

4 Considerações Finais

Ao longo deste trabalho exploramos as implicações de um conjunto de dados fornecidos por levantamentos internacionais recentemente desenvolvidos pela OECD, relacionados ao clima disciplinar de sala de aula em diversos países, e particularmente no Brasil, para repensar a questão da formação de professores. Aqui sugerimos que algumas implicações dos eventos de indisciplina sobre o processo de ensino-aprendizagem derivam questões sobre a formação continuada de professores.

De um modo central neste trabalho, abordamos, com base em um estudo recentemente desenvolvido por Santo (2209), algumas diretrizes para a formação de professores, que em parte parecem sinalizar na direção da proposta de formação reflexiva proposta por Schön (1996), na qual os professores se debruçam sobre as formas e sentidos de suas ações em sala de aula.

Aqui também argumentamos que os processos de formação, tendo em vista o enfrentamento dos desafios representados pelas expressões de indisciplina em sala de aula,

solicitam dos professores não somente a aquisição de um conjunto de competências para serem mobilizadas no contexto de seus encontros com os eventos de indisciplina, mas uma disposição para revisitarem suas próprias concepções, atitudes e crenças em relação a esse tema.

Há várias implicações que poderiam ser deduzidas das considerações apresentadas nos parágrafos anteriores. Assim, quando se propões aos professores que introduzam processos mais democráticos de organização da sala de aula, por exemplo, implica que estes necessitarão determinadas habilidades de comunicação, gestão e mediação, para cujo domínio será preciso desenvolver mais que conhecimentos conceituais. De fato, a persistente incidência de eventos de indisciplina em sala de aula revela a fragilidade não somente dos saberes e habilidades docentes, mas de modelos de formação que parecem ter perdido seu 'prazo de validade'.

REFEÊNCIAS

AMADO, J. **Interacção pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: ASA, 2001.

D'ANTOLA, Arlette (Org.). **Disciplina na escola**. E.P.U., 1989.

ENNIS, C. When avoiding confrontation leads to avoiding content: disruptive students' impact on curriculum. **Journal of Curriculum and Supervision**, Alexandria, v. 11, n. 2, p. 145-162, Winter 1996.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 2. ed. Porto: Porto, 1994.

GARCIA, Joe. Currículo e questões de indisciplina. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 7, 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2007. 12 p.

GILES, Thomas. **História da Educação**. São Paulo: E.P.U., 1987.

GORDON, D. Rising to the discipline challenge. **Harvard Education Letter**, Cambridge, v. 15, n. 15, September 1999.

OECD. **Creating effective teaching and learning environments**: first results from TALIS. Paris: OECD, 2009.

OECD. **PISA 2006**: science competencies for tomorrow's world. Volume 1: analysis. Paris: OECD, 2007.

OECD. **Learning for tomorrow's world**: first results from PISA 2003. Paris: OECD, 2004a.

OECD. **First results from PISA 2003**: executive summary. Paris: OECD, 2004b.

OECD. **Student engagement at school**: a sense of belonging and participation. Results from PISA 2000. Paris: OECD, 2003.

SANTO, J. E. Formação de professores para a prevenção da indisciplina. **Sísifo**, Lisboa, n. 8, p. 87-99, Jan./Abr. 2009.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1996. p. 77-91.

VASCONCELLOS, Celso. **Disciplina**. Libertad, 1995.